

POESIA APÓS MORTE • Continuação da página 1

Um passo atrás diante dos 'brucutus' do verso

Cético em relação a um 'boom' da poesia hoje, Waly Salomão prefere evitar a fogueira das vaidades dos círculos literários

Apesar de ter na música e na poesia as principais referências de sua obra — são dele a redescoberta "Vapor barato", canção que compôs com Jards Macalé e foi regravação pelo Rappa, e "Me segura qu'eu vou dar um troço", livro cult do início dos anos 70 — é na vida de um pintor, Paul Cézanne, que Waly Salomão encontra agora um contraponto para o rumo que quer dar à sua obra.

— Cézanne foi boêmio e até os 40 e tantos anos não fazia nada. Depois, no restante do tempo que lhe foi concedido viver, só trabalhou, nem prestando atenção à recepção do que fazia. Por aí você vê as afinidades eletivas que a gente vai criando — conta Waly. — Pois estou tentando muito, no resto do tempo que tiver de vida, trabalhar bastante nos poemas, me voltar intensamente para isso.

Com "Lábia", a dedicação integral à criação poética

Até então, a poesia era para Waly Salomão uma atividade dentro de muitas outras. Como a direção de shows (da Gal Costa de "Fa-Ta" ao último de Cássia Eller), a produção de textos críticos, e até uma minibiografia de Hélio Oiticica ("Qual é o parangolé?", da série Peris do Rio).

— As coisas são dispersas porque sou do biscoito, do expediente para sobreviver. Não ganhei nada de bandeja, não sou de família tradicional, tenho que me virar mesmo — conta ele. — Tenho que pular que nem sapo para ver se escapo da praga de urubu.

A referência à letra de "Com que roupa?", de Noel Rosa, que escapa no meio da conversa, diz muito da relação que Waly tem hoje com sua poesia.



WALY NO FINAL dos anos 70: época de um texto caudaloso, como no livro-cult "Me segura qu'eu vou dar um troço"

— Não adianta o poeta acreditar que se basta, uma das grandes qualidades tem que ser o diálogo com a tradição poética de sua língua e de outras — diz ele. — Em "Lábia" isso acontece demais, mas prefiro não revelar meus diálogos, senão tudo viria uma brincadeira de citações.

Os poemas, quase todos cur-

tos, secos, de "Lábia" são, para Waly, o resultado de um percurso de depuração — "é também o de empurramento, pois poesia não é pureza", pondera ele — desde o clássico "Me segura". Com "Algaravias", lançado em 1996, venceu os prêmios Jabuti e Alphonse de Guimarães, da Biblioteca Nacional — este último

dividido com "Livro sobre o nada", de Manoel de Barros — numa recepção que o deixou surpreso justamente pela diversidade das aprovações.

— Eu botei o nome de "Lábia" como uma provocação, pois tudo o que eu não quero é levar na lábia — diz ele. — Minha lábia hoje compreende bastante que não

pode falar à toa, gastar palavreado, ela passa muito por critérios como a concisão, a vontade de não se perder na pura eloquência de deputado baiano, no ruibarbo-sismo tão emprenhado em nossa cultura. É muito engraçado esse livro ser lançado num momento em que eu, até fisicamente, estou com as carnes mais magras.

Até o fim do ano, a reunião da obra em um volume

O desejo de não falar à toa faz com que Waly Salomão desfaça o coro dos que vêm um bom momento para a poesia no Brasil, relativizando a euforia sobre um boom. Ele prefere ver a poesia como um campo minado, onde existem mais poetas do que leitores.

— A diversidade é positiva, mas no momento poético brasileiro os poetas se entredeveram de forma animalística, são uns brucutus — diz ele. — E, ainda por cima, são comadres: há intrigas, intrigalhas, grupelhos, panelinhas. Diante disso tenho uma grande dose de amargura, melancolia, recolhimento. Me impus que não interessa sobrepujar ninguém, mas cada vez mais me sobrepujar, atingir pontos expressivos mais altos. Este é, definitivamente, o meu caminho.

Um caminho que aponta para o futuro sem esquecer o passado. Até o fim do ano, Waly reúne num volume, editado também pela Rocco, toda a sua obra. Mas reafirma mesmo o presente:

— Com "Lábia" eu quis marcar, num ano de Copa do Mundo, que estou na área. Se derrubar, é pé-nalti. É uma presença e um prosseguimento de um périplo. Estou virando, minha vida a partir de um desejo principal, que é a realização poética.

UM CAVALO MARINHO MERGULHA em seus círculos de corais
O passado pode estar abarrotado de chateações
mas daqui pra frente ótimas fotos e melhores filmes
e amor e gravidez no bojo do, macho
e horas infundidas deitado nas areias
especulando nuvens
que se esgarçam ao sabor e ao deslize das figuras.
Um gosto permanecer aqui extasiado
e sem querer comparecer a nenhum vernissage cansado dos artistas
que dão a seus quadros a última demão de verniz
e permanecer lasso das exposições e dos museus a visitar
e do 'dernier cri'
esquecer os pacotes de encomendas à Amazon Books
e fugir dos seminários sem senão nem humor trocadilhoscos.
Quase morrer é assim:
uma cada vez mais crescente, ojeriza com a 'vidinha literária' de par com a imorredoura memória de certas linhas,
por exemplo,
que durante o resto do tempo que me é concedido viver
e na hora H da morte,
estampada na minha face esteja a legenda:
O que amas de verdade permanece, o resto é escória. (...)
Sonhar com Provenças e Venezas
— Florença.
Rever Piero della Francesca
e a Essouira de meu amigo Garbi, o boxeador.
É a vista de Delft de Vermeer.

Trecho do poema "Post-mortem"

O filósofo que teria feito Hitler odiar judeus

Livro diz que Wittgenstein despertou o anti-semitismo do Führer na adolescência

Sérgio Augusto

Não tem nem três meses que previ nestas páginas a candidatura de Adolf Hitler ao título de "O homem do século", a ser outorgado na virada do milênio pela revista "Time". No último fim de semana, a "Time" confirmou meu palpite. O maior canalha deste e de muitos séculos também tem se revelado o maior exu de todos os tempos, só perdendo nessa categoria para o próprio diabo. Num livro que acaba de ser publicado em Londres — "The Jew of Linz" ("O judeu de Linz"), de Kimbley Cornish — eis que o tinfofo teutônico reaparece em cena uma vez mais, agora de forma sui generis: de calça curta, numa escola pública austríaca, a Realschule de Linz, às margens do Danúbio. Não era ele o "judeu de Linz", mas outro aluno da Realschule, que o autor do livro, com base numa passagem de "Minha luta", insinua ter despertado o anti-semita adormecido no pequeno Adolf. Embora vários judeus estudassem naquela escola, Cornish não tem dúvida: o menino que o futuro Führer diria, textualmente, ser indigno de sua confiança só podia ser Ludwig Wittgenstein.

Se merecer crédito tal ilação, Wittgenstein, um dos mais importantes e influentes pensadores do século, terá sido o primeiro elo de uma cadeia que culminou no Holocausto e na morte de seis milhões de judeus. Há uma grande dose de ironia nessa conjectura, visto que Wittgenstein dedicou sua vida à procura de uma "solução final" para a filosofia.

Riqueza e inteligência seriam os motivos da ira de Hitler

Sabia-se, não pelos biógrafos de Hitler (nem Joachim Fest menciona a coincidência), mas pelos estudiosos de Wittgenstein, que os dois, nascidos em abril de 1889, com apenas seis dias de diferença, frequentaram a mesma escola em Linz. No opúsculo sobre o filósofo, "Wittgenstein em 90 minutos", que a Jorge Zahar editou recentemente, Paul Stra-



FOTO DE 1904, feita numa escola de Linz, mostra Wittgenstein (no círculo à esquerda) e Hitler (à direita), aos 15 anos

ter estudado na mesma época na Realschule, presumindo que os dois jamais tenham se cruzado em Linz. Ao menos diante de um lambe-lambe eles se encontraram. Uma foto obtida por Cornish mostra os dois juntos na escola, quando tinham 15 anos.

O que levou Cornish a identificar Wittgenstein como o primeiro judeu oficialmente odiado por Hitler? O perfil do menino Ludwig, responde Cornish. Além de muito rico, Wittgenstein era um aluno brilhante, duas classes na frente de Hitler, e possuía uma memória musical tão ou mais prodigiosa que a de seu colega pobretão. Ou seja, na hora de se impor aos demais, associando qualquer ópera de Wagner sem errar uma nota, o ressentido filho de camponeses tinha um sério rival, que, além do mais, nascera em berço de ouro. Também amargurado por estar longe da família, também solitário, arredio, arrogante e irascível, Wittgenstein compartilhava com Hitler outras características: era intransigentemente fanático na defesa de suas convicções, adorava arquitetura e acreditava no supremo poder da linguagem. A experiência nos ensina que dois bichos não só não se beijam como podem se tornar inimigos fiados.

Os pais de Ludwig eram os Rothschilds da Áustria. Senhor de toda a indústria siderúrgica do país, Karl, o patriarca da família,

da cultura e do poder. Brahms e Mahler viviam dando recitais no castelo vienense dos Wittgensteins. Até os 14 anos, Ludwig estudou em casa, com governantas e tutores. Sua ida para uma escola pública, distante de Viena, foi a solução encontrada pelo tirânico Karl para evitar que um terceiro filho também se suicidasse. Embora ao longo da vida tenha pensado várias vezes em suicídio, Ludwig afinal não se matou, mas, a exemplo de seus irmãos, manteve-se fiel ao homossexualismo até bater as botas, em 1951, consumido por um câncer.

Hitler, ressaltava Cornish, abominava a alta burguesia austríaca e sua prodigalidade. Pouco lhe importava que os Wittgensteins tivessem se convertido, por pura conveniência, ao cristianismo. Para o casca-grossa de Branaui, eles continuavam sendo um símbolo da "plutocracia judaica". Nenhum deles, contudo, acabou num campo de concentração. Quatro anos antes de o nazismo tomar o poder na Alemanha, Wittgenstein já estava dando aulas na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. E sem dinheiro, pois doara sua herança a toda espécie de necessitado.

Com efeito, na década de 30, os Wittgensteins já não representavam tão explicitamente o industrialismo austríaco. O velho Karl vendera todas as suas fábricas antes da Primeira Guerra Mundial

dias em carta ao "Sunday Times" uma de suas descendentes, Christina Wesemann-Wittgenstein, residente em Hong Kong. Indignada com a tese de Cornish, Christina não crê que Hitler tenha se tornado um anti-semita visceral após conviver com o filósofo, da família na Realschule. Tampouco acredita que o Führer planejou o Museu Hitler em Linz, em vez de Viena, "para esgarçar no nariz dos Wittgensteins", e sim porque detestava a capital austríaca.

Como diriam os italianos: a tese de Cornish pode não ser verdadeira mas é uma boa sacada. Ela não se esgota nas possíveis relações entre o filósofo (ou lógico, como prefere o purismo de certos filósofos) e Hitler, estendendo-se ao ambiente escolar, mais precisamente a Cambridge, onde, ainda segundo Cornish, o autor do "Tratado lógico-filosófico" teria sido o principal alcaide de Kim Philby, o célebre espião inglês a serviço da União Soviética. Interpretando a meu modo o último princípio do "Tratado" ("Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar"), mais não digo sobre a segunda especulação em torno do judeu de Linz, limitando-me a recomendar a leitura de "The Jew of Linz" — mas sobretudo, para objetivos mais sérios, do "Dicionário Wittgenstein", compilado por Hans Johann-Glock e recém-traduzido

Angelica Domingos

12 ABR

HORÁRIO: 19h00h

PREÇO: R\$ 12,00

ARTE: Grendene

FAIXA ETÁRIA: LIVRE

Sô pra contrariar

17 e 18 ABR

HORÁRIO: 19h00h

PREÇO: R\$ 12,00

Tom Cavalcante

23 a 26

HORÁRIO: 19h00h

PREÇO: R\$ 12,00

Select

U 12

IGARE

Souza Cruz

YALIS

ESTAR

BRUNO

Cross

them menciona o fato de Hitler

recebia em seus salões a fina flor

e morrerá em 1913, lembrou há

pela Jorge Zahar ■